

O IMAGINÁRIO DO FUTURO NO BRASIL EM *DIVINO AMOR* (2019) DE GABRIEL MASCARO: O TRAJETO ANTROPOLÓGICO DOS ARQUÉTIPOS DO CASAMENTO, DA SEXUALIDADE E DA MULHER

Inana Maria Sabino Fernandes da Silva¹

Resumo: O artigo propõe uma análise da representação do futuro no Brasil no filme de ficção científica pernambucano *Divino Amor* (2019) de Gabriel Mascaro. Para isso, serão usados os conceitos de trajeto antropológico proposto por Gilbert Durand (1988) e de arquétipo de Jung (2002) para pensar como o filme trabalha as temáticas do casamento, da sexualidade e da mulher nesse futuro próximo. Pôde-se analisar que o futuro no Brasil representado pelo filme é distópico, burocrático, um estado controlador a partir de uma orientação religiosa cristã, apesar de ainda falsamente se denominar laico. Apesar dos arquétipos se atualizarem nas sociedades através do trajeto antropológico, o filme mostra o retorno a uma ideologia conservadora com intensificação dos problemas atuais e a tecnologia podendo inclusive ser usada à favor desse conservadorismo de cunho religioso para controlar a população.

Palavras-chave: Futuro; Brasil; Trajeto Antropológico; Arquétipo.

Introdução

O gênero de ficção científica tem sido uma forma de prever e discutir questões e problemáticas fundamentais que a humanidade tem atravessado e que poderá atravessar no futuro. Desde os primórdios do gênero no cinema, são discutidos corpos híbridos, robôs com aparência humana com dilemas e questões existenciais, ciborgues, inteligências artificiais, tecnologia de ponta, máquinas do tempo, viagens para outros planetas, têm sido motivos recorrentes na ficção científica mais mainstream.

Apesar da alta tecnologia ser presente e tipificada no gênero, nem toda narrativa de ficção científica precisa apresentar alta tecnologia. Por exemplo, temos a adaptação *The Handmaid's Tale*, em que os Estados Unidos sofre um golpe de uma parte da população que baseada numa interpretação do antigo testamento da bíblia cristã, instaura uma ditadura religiosa altamente misógina em que as mulheres férteis são forçadas a serem aias, estupradas mensalmente pelos representantes dessa sociedade com a presença e ajuda das respectivas esposas destes. Nessa temporalidade, não há

¹ Mestranda em Comunicação pelo Programa de Pós Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco. Bolsista Capes. E-mail: inana.sabino@ufpe.br

nenhum tipo de tecnologia que já não exista no presente e a sociedade impõe um retorno ao passado piorado.

Quando se trata do cinema de ficção científica no Brasil, podemos falar do preconceito e dos diversos obstáculos para o desenvolvimento do gênero no país. Suppia (2007) discute que devido ao fato da ficção científica ser um gênero muito associado a países de antiga industrialização, e a associação da FC com a quase obrigatoriedade de orçamentos gigantescos, uma associação de quem não conhece de fato o gênero, somado aos problemas inerentes à produção cinematográfica no país, independente de gênero, a ficção científica brasileira atravessou muitos percalços. Nem por isso, o Brasil deixou de produzir FC desde seus primórdios. E nos últimos anos, pode-se perceber que a produção do cinema de FC brasileiro tem crescido.

Em *Branco Sai, Preto Fica* (2014) de Adirley Queirós, o Brasil do futuro é ainda mais distópico, a segregação entre o plano piloto e a periferia se intensifica e são exigidos passaportes de acesso à Brasília. A polícia impõe um estado de sítio na população da Ceilândia através de rondas noturnas e toques de recolher.

Chico (2016), um curta dos Irmãos Carvalho, apresenta um Brasil em 2029 ainda mais distópico que decreta prisão a todas as crianças negras, pobres e faveladas. A favela do futuro tem a mesma aparência de hoje mostrando as permanências da sociedade brasileira desigual. Em *A seita* (2014) de André Antônio, os ricos migram para as Colônias Espaciais e Recife é uma cidade em ruínas. Em 2049, um dândi deixa as colônias e volta a morar em Recife. Nesse futuro, as pessoas somem à noite e a polícia das Colônias faz batidas na cidade realçando uma atmosfera de distopia. Em Pernambuco foram lançados dois longas pernambucanos de ficção científica em 2019: *Divino Amor* de Gabriel Mascaro e *Bacurau* de Kleber Mendonça Filho. Em Bacurau, num futuro próximo, grupos estrangeiros vão praticar caça humana numa cidade do nordeste do Brasil, e os nativos se insurgem contra os assassinos. *Divino Amor* apresenta um Brasil dominado pelos evangélicos onde as mulheres cobrem todo o corpo na praia, pastores dão conselhos em igrejas *drive thru* e aparelhos de vigilância em todos os estabelecimentos registram nome, estado civil e filhos das pessoas.

Nessa breve cartografia do cinema brasileiro de ficção científica contemporâneo, fica evidente que o futuro do país tem sido imaginado e pensado através de uma

intensificação do presente. O hoje no país já se apresenta distópico, uma crise política, social e econômica, a intensificação de forças conservadoras, capitalismo predatório, fome, desemprego, queimadas, desmatamento, garimpo ilegal, corrupção, violência, femicídio, extermínio das populações negras, indígenas e marginalizadas... Além de tudo isso uma pandemia que agravou ainda mais a situação da população pobre, a morte de mais de duzentos mil brasileiros, as famílias em luto, as doenças mentais, a intensificação da virtualização das relações.

Diante desse cenário, se pensarmos o presente como o futuro, este já tem todas as características de uma distopia. Esses filmes ainda foram produzidos no contexto anterior à pandemia, já que esta também dificultou e muito a produção e a distribuição dos filmes. Os filmes brasileiros não estão enfocando altas tecnologias, mas refletindo sobre questões sociais do presente através de um distanciamento temporal proporcionado pela ficção científica. As características que mais se destacam nos filmes é o controle da população pelo estado, um tema que tem sido frequente em distopias como *1984* de George Orwell como a prisão “preventiva” das crianças negras faveladas em Chico, o estado de sítio e as rondas noturnas da polícia na Ceilândia e a exigência de passaportes de acesso à Brasília em *Branco Sai, Preto Fica*.

O Imaginário, o arquétipo e o trajeto antropológico

Eduardo Duarte (2017) faz uma análise de como diversas tecnologias importantes para a humanidade foram sendo desenvolvidas por cientistas e pensadores em diferentes épocas e como a ficção e especificamente a ficção científica, também teve papel fundamental nesse processo. E como o gênero de FC trabalha como uma espécie de premonição de acontecimentos como Verne descrevendo a primeira expedição do homem à lua, ou o supercomputador Hal em *2001: uma odisséia no espaço* (1968) de Stanley Kubrick.

Então o imaginário para nós é um repertório de imagens que se constituem afetivamente como lastro psíquico de nossa espécie. Esse banco de imagens atemporal é formado por toda herança de referências criadas pelo homo sapiens, de todos os aspectos da vida que migraram pela afetividade para dimensões inconscientes dos coletivos humanos. O imaginário é composto pelas percepções estruturantes da vida social, constituintes de nossos valores,

medos e perspectivas. Mas o imaginário, da maneira como o percebemos não se distingue de um mundo real. Como se houvesse um mundo real e outro imaginado. O que chamamos de mundo real é um aspecto do imaginário que é social e historicamente pactuado para chamar de realidade. Nesse sentido o imaginário calça o real como a mão calça uma luva. O real é uma dimensão possível e coletivamente escolhida e compartilhada das nossas criações, do que imaginamos e legitimamos como verdade. (DUARTE, 2017, p.4)

Duarte estabelece três autores principais para se pensar o imaginário: Jung, Durand e Morin. Jung, faz uma distinção entre signo e símbolo, o signo tem significado e já está objetificado, enquanto o símbolo é ambíguo, aponta sentidos mas não significados. A discussão sobre o arquétipo trazida por Jung sendo uma forma dinâmica que organiza as imagens independente das concretudes individuais, é segundo Eduardo Duarte, uma dimensão inconsciente que nutre nossa dimensão consciente. Jung (2002, p. 15) chama de inconsciente coletivo o fato do “inconsciente não ser de natureza individual, mas universal; isto é, contrariamente à psique pessoal ele possui conteúdos e modos de comportamento idênticos em todos os seres humanos”.

Duarte retoma o debate sobre o trajeto antropológico de Gilbert Durand, em que as sociedades humanas constroem seus sistemas de valores enraizando-os desde cedo na nossa formação.

Na reflexão deste conceito as sociedades humanas constroem seus sistemas de ideias e valores enraizando-os desde cedo em nossa formação. Quando ainda crianças compreendemos por imagens afetivas o enaltecimento ou julgamento de comportamentos e crenças. Corpo e mente introjetam essas imagens e essas por sua vez alimentam nossa vida em sociedade. Na sociedade, por sua vez, criamos e atualizamos coletivamente a força dessas inspirações de mundos, que percorrem de volta ao mundo dos seres pensantes e pensados o seu trajeto antropológico. Em resumo, a energia psíquica circula dos mundos imaginários à sociedade, da sociedade à formação biopsíquica, dessa de volta à sociedade, e o ciclo se fecha em retorno ao imaginário, sem que haja um ponto de partida e um ponto de chegada. O imaginário não veio primeiro e o corpo-mente depois. Eles se co-criaram simultaneamente. Esse é o conceito de trajeto antropológico da energia psíquica na organização simbólica e que existe como o grande patrimônio compartilhado de nossa espécie. (DUARTE, 2017, p. 170)

O imaginário do futuro no Brasil em Divino Amor: o trajeto antropológico dos arquétipos do casamento, da sexualidade e da mulher

Divino Amor se passa em 2027. Nesse futuro próximo, o Carnaval foi substituído pela festa do Divino Amor, uma espécie de rave gospel em que os evangélicos celebram o retorno do Messias. Na praia, ao invés de biquíni, as mulheres cobrem todo o corpo. Aparelhos leitores na frente de cada estabelecimento registram nome, estado civil e filhos das pessoas. Joana é uma religiosa que trabalha no cartório e faz uso da burocracia para impedir o divórcio de casais. Ela e seu marido fazem parte de um Igreja chamada Divino Amor que é uma espécie de terapia religiosa para casais em crise, que incluem a prática de swing, sexo entre os casais. Ela "resgata" diversos casais que vão tentar se divorciar no cartório fazendo-os desistir e levando-os ao Divino Amor. Mesmo com todo o serviço que segundo ela, tem sido prestado a Deus, o tão sonhado bebê não vem. Ela e seu marido compram um aparelho chamado redfert que emite uma espécie de luz infravermelha que supostamente daria mais fertilidade, mas sem resultado. Finalmente ela vai até uma loja e o aparelho identificador mostra que ela está grávida. Depois de passada a emoção, ela faz o teste de DNA e vê que o dna do bebê é incompatível com o DNA do seu marido e também com os dos outros homens com os quais teve relações sexuais no Divino Amor. Ela vai contar ao pastor da igreja drive thru a quem ia pedir conselhos, que não acredita nela e a encaminha para o centro de tratamento ao fiel. Ela conta ao seu marido que, em seguida, pede o divórcio. No trabalho, ela é transferida para outra seção pois foi dedurada por clientes, que não gostaram da sua interferência pessoal no processo de divórcio. No Divino Amor ela é barrada pois o grupo só permite a entrada de casais. Ela se vê sozinha, sem apoio da igreja e desacreditada por todos. Ela dá a luz e o bebê acaba não sendo registrado.

Para fazermos a análise do filme de acordo com os conceitos, de arquétipos e de trajeto antropológico, precisamos pensar primeiro na relação que o filme estabelece com o Brasil de hoje. No filme, o Brasil é dominado pelos evangélicos apesar do estado ainda falsamente se denominar laico. O carnaval, que é uma festa demonizada pelo grupo, é substituído por uma rave gospel, a festa do Divino Amor, em que se celebra o retorno do messias. A população evangélica representa hoje quase um terço do Brasil e

crece cada vez mais. Ela é a segunda religião mais popular do país, atrás do catolicismo, que está perdendo fiéis. Na política, os evangélicos também formam uma bancada e muitos estão fechados com o atual governo, sendo muitos ministros pertencentes a tal religião.

É importante destacar os símbolos que fazem parte do filme. O casamento, a separação, a sexualidade, filhos, maternidade e paternidade e o arquétipo de Maria, mãe de Jesus, sendo representada pela figura de Joana. Quando retomamos o debate sobre o trajeto antropológico, podemos considerar que as religiões de forma geral, e o cristianismo especificamente no Brasil é responsável pela construção de todo um repertório de valores, julgamentos e crenças que alimentam nossa vida em sociedade e são atualizados constantemente pelas pessoas. Essa concepção da vida a partir da religião tem sido bastante questionada com as transformações que a sociedade vem atravessando, porém ela ainda continua introjetada em nosso inconsciente coletivo por mais que tentemos nos desvencilhar, quando tentamos.

É só pensarmos, por exemplo, na eleição do atual governo onde foram disseminadas muitas fake news voltadas para atrair um público religioso e conservador. A notícia falsa mais famosa, o Kit Gay, por exemplo, tinha como objetivo justamente atrair pessoas homofóbicas e uma parte dos religiosos que consideram pecado a união entre pessoas do mesmo sexo. O que seria uma cartilha sobre educação sexual nas escolas, prática que também tentou ser criminalizada pelo projeto de lei Escola Sem Partido, teve seu objetivo totalmente deturpado. Podemos citar ainda como o tema do aborto é visto também como pecado e errado por grande parte da população religiosa de maneira geral, principal motivo pela prática ainda não ser legalizada no país. Mesmo em casos extremos como gravidez gerada por estupro, um dos poucos casos previstos em que a prática seria supostamente legalizada, as vítimas (na sua maioria crianças na faixa dos 10 anos) ainda sofrem com os protestos de evangélicos em frente aos hospitais e medidas que tentam coibir a prática. E justamente as pessoas que deveriam proteger as vítimas, fazem exatamente o contrário, como é o caso da ministra da “família” do atual governo, por sua vez também evangélica.

O casamento tem sido visto de maneiras diferentes ao longo do tempo. Se antes o casamento era uma união política e estratégica entre pessoas da nobreza para

manutenção de riqueza ou questões diplomáticas, que só poderia ser quebrada diante da morte, hoje com as transformações sociais, políticas e econômicas o casamento pode ser uma opção, assim como a separação. Porém, para muitos religiosos e especificamente os evangélicos ainda impera o bordão “até que a morte nos separe”. Situação que foi apresentada pelo filme através da insistência de Joana no próprio casamento, e a insistência pela não separação de diversos outros casais que tentam o divórcio no cartório onde ela trabalha e que ela dificulta através da burocracia. Ironicamente, quando seu marido pede o divórcio depois de saber que o filho que ela espera não é dele, ela não insiste e rapidamente adere a essa separação. O José contemporâneo abandona a esposa grávida porque o filho que ela espera não é seu. É importante ressaltar que o filme foi produzido antes do caso real citado acima e também que a forma como Mascaro retrata os evangélicos não é jocosa, mas possui uma seriedade levando a reflexões e críticas.

Para não se separarem, antes da descoberta da gravidez, Joana e seu marido procuram uma Igreja chamada Divino Amor. É uma igreja com o lema “Quem ama não trai, quem ama divide”. Os casais praticam sexo entre eles, com troca de parceiros, porém a regra é que na hora da ejaculação os maridos devem penetrar nas suas respectivas esposas. É feito todo um ritual antes do ato, em que o casal antigo banha o casal novato, para que os corpos estejam “limpos” perante Deus e “consagram” dizendo que essa é uma forma de louvor e que não irá se repetir. É interessante pensar em como Mascaro articula e projeta o que seria uma igreja evangélica de um futuro próximo, unindo um pensamento conservador a uma prática sexual de sexo grupal feita por casais teoricamente mais liberais. E assim também o faz com a música do filme, gospel eletrônico, um gênero que une duas coisas aparentemente conflitantes que seria uma música de louvor a Deus, com uma música mais futurista que se tornou bastante codificada pela Ficção Científica.

Um contra senso que apresenta duas cosmologias diferentes é a relação entre o sagrado e a tecnologia do filme. Se trata de um futuro próximo brasileiro, então o aparato tecnológico é plausível para essa realidade. O filme mostra os aparelhos leitores em frente de cada estabelecimento que registram nome, estado civil e filhos das pessoas. Joana descobre sua gravidez assim, ao entrar em uma loja o aparelho leitor indica “feto

não registrado”, depois de tanto esforço para conseguir engravidar. Suvim reforça a necessidade do gênero de Ficção Científica possuir um *novum*, uma tecnologia prática ou conceitual ou uma situação dramática que ainda não exista no nosso mundo. Pelo menos no Brasil, aparelhos como estes ainda não foram instalados, mas poderiam muito possivelmente servir a um estado controlador, conservador e evangélico. O filme mostra uma situação divina ou sobrenatural, através de um meio tecnológico quando Joana vai a um computador testar a compatibilidade do DNA do feto e é incompatível tanto com o dna do seu marido quanto com os dos outros homens com quem teve relações sexuais no Divino Amor. O arquétipo da Mãe de Jesus, que na bíblia concebe virgem, é adaptado no filme para uma versão contemporânea de Maria, não virgem, mas cujo filho é de Deus e nasce por cesárea.² O retorno do Messias tão esperado acontece, mas não é acreditado pelos próprios cristãos, que julgam Joana, que se torna uma ovelha desgarrada sendo banida do Divino Amor.

Joana assume o arquétipo de Maria, mãe de Deus. Reflitamos sobre ele. Parte dos evangélicos não reconhecem Maria, parte deles, mas nem todos. Ao tratar do arquétipo, Jung (2002) o chama de “conteúdo inconsciente”, “o qual se modifica através de sua conscientização e percepção, assumindo matizes que variam de acordo com a consciência individual na qual se manifesta” (p. 17). Jung vai discutir que a humanidade parece nunca ter entendido de fato muitos símbolos cristãos como o nascimento virginal, a divindade de Cristo, e as complexidades da Trindade (p.24)”

Pensemos sobre o arquétipo de Maria, a Grande Mãe, através da figura de Joana. No catolicismo, a Santíssima Trindade é formada por pai, filho e Espírito Santo. Maria representando o feminino não aparece nessa trindade. No Santo Daime, religião brasileira que consagra a ayahuasca, é realçada a trindade da família: Jesus, Maria e José. O culto às grandes mães era frequente nas sociedades matriarcais. Na antiga Mesopotâmia, por exemplo, Inanna, era a principal deusa do feminino e era tão ou mais importante do que as divindades masculinas, que era cultuada tanto pela fertilidade, amor, quanto pela sexualidade. Ou seja, a sexualidade era domínio do sagrado para as religiões politeístas. Enquanto no cristianismo, religião monoteísta, já que pai, filho e

² Aqui pode ser feita uma relação com a série Orphan Black, em que grupos religiosos radicais fazem experimentos científicos forçados em mulheres com inseminação artificial.

espírito santo são apenas um, a sexualidade passou a ser extremamente vigiada e controlada.

A relação com a sexualidade na cosmologia cristã passa pela história do casamento. Segundo Bruna Saruagy (2010), até o século IX, o casamento era uma instituição laica e privada, arranjado e que acontecia para fins comerciais. Nessa época, a Igreja pregava a virgindade feminina e advertia as mulheres dos perigos do casamento. No século XII, a igreja passou a interferir no casamento impondo um modelo de indissolubilidade conjugal e monogamia. A sacramentalização do casamento ocorreu nos séculos XII e XIII para que a Igreja tivesse plenos poderes sobre ele. O sexo no casamento era colocado como uma obrigação para fins de reprodução, não devendo ser acompanhado de desejo e mesmo assim ainda era visto como sujo pela Igreja. Nos séculos XVI e XVII, o ato sexual no casamento deixou de ser visto como pecado e passou a ser visto como algo divino responsável pela continuação da espécie, mesmo acompanhado de desejo, desde que o casal não criasse barreiras para a procriação. As relações sexuais apenas por prazer ainda eram condenadas. O ato sexual era visto como obrigação do casamento. Uma vez casados, marido e esposa tinham uma dívida conjugal em que ambos deveriam solicitar um ao outro a realização do ato, e realizá-lo sem contestar. Ao ato sexual foram criadas diversas normas pela Igreja e até o século XVI, os cônjuges não podiam se relacionar sexualmente em 273 dias no ano. Essa parte da história da sexualidade cristã ainda se trata do catolicismo. Ainda hoje, aos padres é proibido o matrimônio, enquanto aos pastores é permitido. No filme, na igreja do Divino Amor, se trata de uma pastora que conduz as reuniões, indicativo de um futuro próximo que reflete o presente em que algumas mulheres pastoras já se insurgem na Igreja evangélica. Uma mulher já madura e negra que recita versículos bíblicos que se voltam para a relação conjugal e o ato sexual enquanto os casais se envolvem: dançam, recitam versículos bíblicos, rolam por cima uns dos outros, brincam de cair enquanto os outros seguram. Dessa maneira, o filme representa que aos olhos dos evangélicos do futuro próximo do Divino Amor, o prazer sexual é permitido desde que dentro do casamento em uma relação que gere filhos e até o sexo entre casais pode acontecer, quase como uma forma de “prevenção à traição” e apimentação da relação às claras, desde que sacralizada pela Igreja.

A figura da mulher de forma geral representada pela bíblia tem sido bastante criticada. Na bíblia, Eva foi criada da costela de Adão e foi a responsável pela expulsão do casal do paraíso por ter comido o único fruto proibido por Deus. Representando assim a figura da “primeira mulher” como necessariamente negativa e responsável por todo o mal da humanidade que começou com a expulsão do casal do paraíso. Maria Madalena, a única discípula mulher de Jesus, foi por muito tempo taxada como prostituta, algo sem base que não estava sequer nos escritos. Ou então ainda, em outras histórias criadas a seu respeito como no romance de Dan Brown que teria supostamente se casado com Jesus e tido filhos, história que também foi muito criticada. Ou seja, a mulher no lugar de prostituta ou mãe parece ser mais concebível para a sociedade machista do que a mulher como discípula de Jesus. O modelo central da mulher na sociedade ocidental é representada por Maria, mãe de Jesus, que concebeu virgem. Existe um dualismo muito forte no arquétipo da mulher pela cosmologia cristã. Eva representa a mulher perigosa que sucumbiu ao pecado, já Maria é perfeita, sem pecados. Ela é lembrada por sua pureza, virgindade, por seu manto sagrado que envolve o menino Jesus, por seu pranto na morte do filho. Ela é a mãe perfeita. Esse lugar de docilidade e maternal, que foi colocado para as mulheres, ainda impera mesmo com todos os avanços que o feminismo alcançou para as mulheres. As mulheres foram ensinadas a estarem sempre disponíveis, e ao cuidar da casa, do filho, dos maridos e da família em geral. Esse paradigma tem sido fortemente contraposto pelo feminismo, que surge como uma forma de garantir direitos fundamentais básicos para as mulheres. Porém, em muitos nichos e grupos religiosos específicos, como os evangélicos, mas não apenas, as mulheres ainda são ensinadas a serem submissas à figura masculina: pai, marido, irmão. Um exemplo direto disso foi a vereadora evangélica Michele Collins que pedia a submissão das mulheres aos maridos. Ou seja, mesmo quando ocupa uma posição de poder diante da sociedade, muitas mulheres evangélicas ainda são ensinadas a reproduzirem papéis que sujeitam às mulheres à subserviência. Isso também não é regra, o movimento feminista tem se infiltrado inclusive na Igreja e nas religiões de maneira geral.

Joana quer a todo custo ter um filho. A família para ela não é completa sem o rebento. Na bíblia existe uma passagem em que Deus diz “sedes férteis e

multiplicai-vos”. Joana tenta viver sobre esse lema, porém seu marido é infértil. Eles tentam de tudo, compram o redfert, que pode ser considerado também um outro *novum* do filme, um aparelho que emite uma luz infravermelha no qual o marido de Joana precisa ficar de cabeça pra baixo, que supostamente ajudaria a dar mais fertilidade a ele. No médico, eles têm a confirmação do problema em seu marido. Ela julga ser castigo de Deus, depois de tantos serviços supostamente prestados a ele, nas dificuldades que ela impõe aos casais para que não se divorciem. Joana tem seu trabalho no cartório, um emprego formal no qual é funcionária pública. Ela é uma mulher independente financeiramente, tem seu próprio carro e possui um emprego melhor inclusive do que o seu marido que trabalha como freelancer produzindo arcos de flores para caixões. Sua relação com a casa não é muito apresentada pelo filme, com exceção das cenas em que dá banho no cachorro, se exercita, faz algumas orações em um quartinho com fotos dos casais que ela “salvou” e tem relações sexuais com o seu marido. Eles dois possuem seus momentos como cantar no karaokê, ir nas raves chamadas festas do divino amor, na praia e os momentos na igreja em que leem passagens da bíblia, fazem dinâmicas de grupo ou quando estão fazendo sexo com os outros casais. Ou seja, Mascaro também não reduz Joana a um estereótipo da evangélica. Ela tem seu próprio trabalho, dirige, tem sua autonomia e não demonstra subserviência ao marido, nem à sua casa. Sua ligação mais radical religiosamente falando, está na forma como enxerga a separação, sua relação com a Igreja, e como interfere na vida de outros casais pensando estar servindo a Deus. Seu desejo em ser mãe possui uma relação religiosa, porém, muitas mulheres que também possuem esse desejo não precisam necessariamente estar ligadas à religião. Desejo que acaba se virando contra ela mesma. Joana sabe que o filho que espera não é de nenhum dos homens com quem teve relações sexuais por conta do teste de DNA. Mas quando ela se vê sem marido, sem apoio da igreja e como ovelha desgarrada, ela se deprime. Ou seja, mesmo sabendo que espera um filho de Deus, não é suficiente para ela que tanto tentava ter um filho e tanto pedia a Deus por um milagre, já que na prática seu marido era infértil. Na cena final do filme, o bebê estava na cama sozinho, nu, enquanto Joana olhava pela janela. Essa cena demonstra sua não conexão com esse filho. O fato é que a maternidade acaba sendo uma cobrança para as mulheres, sobretudo as religiosas, e muitas vezes quando chegam em determinada idade sem

filhos e sem casamento, são questionadas do porquê de terem feito essa escolha. Escolher não se casar ou não ter filhos já coloca a mulher necessariamente como rebelde e quebrando paradigmas.

Dessa maneira, no trajeto antropológico de Durand, as sociedades humanas constroem seus sistemas de valores enraizando-os desde cedo na nossa formação. Assim também acontece com o arquétipo da mulher. Eduardo Duarte discute que o trajeto antropológico acontece desde quando somos crianças quando compreendemos determinados comportamentos e crenças que são introjetados em nossos corpos e depois quando atualizamos esses conceitos na sociedade. Todo esse percurso se fecha em torno do imaginário. Quando crianças, são dadas às meninas bonecas idênticas a bebês, as vestem com roupas diferentes dos meninos, dão a elas “maquiagens de brinquedo”, e as dizem senão verbalmente, mas através das imagens da tv, cinema, publicidade, revistas, livros, mãe, avó, tias, irmãs, os comportamentos e padrões toleráveis para as mulheres. E assim é criado todo um arquétipo da mulher e do feminino na sociedade. Porém, quando as mulheres conseguem acessar determinados tipos de leituras (não necessariamente só através dos livros, diversas outras mídias) que questionam esses arquétipos, elas também atualizam esses conceitos na sociedade e conseguem por vezes transformá-los. O trajeto antropológico também acontece com os outros símbolos do filme, como o casamento e a sexualidade. Estamos vivendo na época dos amores líquidos, no qual uma união conjugal pode ser facilmente dissolvida se não existe contentamento entre ambas as partes ou pelo menos uma das partes. Isso quando chega a existir casamento, o ato jurídico ou religioso muitas vezes nem mesmo acontece na maioria dos casais que vivem juntos, sendo nesses casos nem mesmo necessário o divórcio que é tão representado pelo filme. A exigência da documentação que comprove o casamento para entrar no Divino Amor, por exemplo. A sexualidade livre, a busca por experiências sexuais, prazer, orgasmo, conhecer o próprio corpo, liberdade contraceptiva foram também conquistas dos movimentos feministas para as mulheres, mas que estão sendo constantemente ameaçadas. Ou seja, o imaginário do futuro do Brasil no filme é uma volta ao passado, ao conservadorismo, a um estado controlador por meio da tecnologia, à influência dos evangélicos na sociedade.

Considerações Finais

O imaginário do futuro do Brasil representado por *Divino Amor* (2019) de Gabriel Mascaro, é uma volta ao passado, ao conservadorismo, ao controle e a vigilância da população pela religião. O filme aponta para um futuro ainda mais distópico com intensificação dos problemas atuais e a tecnologia podendo inclusive ser usada à favor desse conservadorismo de cunho religioso para controlar as pessoas. Os movimentos feministas mexeram com os arquétipos da mulher, do casamento, da sexualidade que tanto vilipendiaram a mulher traçando novos caminhos no trajeto antropológico. Entretanto, a sociedade brasileira ainda é racista, patriarcal e neoliberal, e o cinema tem previsto um futuro com esses pilares intensificados.

Referências Bibliográficas

- DUARTE, Eduardo; CIRINO, Nathan. **A imagem além do tempo: a construção do imaginário do futuro nos produtos midiáticos**. Intexto, Porto Alegre, UFRGS, n. 40, p. 165-179, set./dez. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.19132/1807-8583201740.165-179>
- DURAND, Gilbert. **A Imaginação Simbólica**. São Paulo: Cultrix. 1988.
- JUNG, C.G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Editora Vozes. Segunda Edição. 2002.
- SURUAGY, Bruna. **Sexualidade, cristianismo e poder**. Estudos e pesquisas em Psicologia, UERJ, RJ, Ano 10, n.3, p. 700-728.